

INTERPRETAÇÃO RACIONAL DE ALGUNS TÊRMINOS USADOS NA NOMENCLATURA DA DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL

A Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia ao aprovar a Resolução n.º 72, de 14 de Julho de 1942, que "Fixa o quadro de divisão regional do Brasil, para fins práticos, promove a sua adoção pela Estatística Brasileira e dá outras providências", teve necessidade, para atender a certas exigências de ordem técnico-administrativa e em face das emendas aparecidas no decorrer da discussão do projeto, de empregar na sua nomenclatura algumas expressões que servem para designar subdivisões de duas regiões — a do Nordeste e a do Leste. A primeira dessas regiões apresenta-se subdividida em Nordeste Ocidental e Nordeste Oriental, e a segunda em Leste Setentrional e Leste Meridional.

Essas expressões designativas de subdivisões não constavam do primitivo projeto elaborado pela Secção de Estudos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, repartição central do Conselho, pois foram elas adotadas quando por ocasião da aprovação final do plano pela Assembléia Geral que, para isso contou com a colaboração de eminentes geógrafos brasileiros, como os professores EVERARDO BACKHEUSER, DELGADO DE CARVALHO e FERNANDO RAJA GABAGLIA, consultores técnicos do Conselho. O uso dessa divisão, tal qual tinha sido aprovada, foi recomendada aos diversos ministérios, por parte da presidência da República.

Discordando do emprêgo daquelas expressões, o comandante GERSON DE MACEDO SOARES, brilhante oficial da nossa Marinha de Guerra e erudito conhecedor e estudioso dos problemas da geografia brasileira, dirigiu uma fundamentada sugestão escrita ao presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na qual, depois de demonstrar seguros conhecimentos sôbre o assunto, lembrou que aqueles nomes fôsem substituídos.

A sugestão apresentada pelo comandante MACEDO SOARES foi a seguinte, em sua íntegra:

"1. Li, no *Boletim* do Ministério da Marinha, n.º 7 de 12 de Fevereiro corrente, pág. 501, a circular constante da referência, pela qual se recomenda a adoção da divisão do território nacional organizada por êsse Instituto, quando não se imponha uma divisão peculiar.

2. Segundo tal divisão mandada adotar, a *Região Nordeste* é dividida em duas partes, a saber: *Nordeste Ocidental* e *Nordeste Oriental*.

3. Ora, permita V. Excia. que estranhe a associação dêsses dois têrminos antagônicos — *Nordeste* e *Ocidental*, a qual não me parece muito lícita para os foros de rigorismo que deve ter um Instituto Nacional de Geografia.

4. É certo que tais associações e impropriedades se vêm fazendo com certa impunidade, como que introduzir na fraseologia técnico-científica, as licenças literárias de um *belo-horrível* ou de uma *agri-doce*, assim como as impropriedades que escondem erros palmares, como, por exemplo, o chamarem os norte-americanos a América tóda de *hemisfério ocidental*, o que, realmente, constitue uma heresia geográfica, sem designação de meridiano de origem, pois se há, apenas, um *hemisfério setentrional* e um outro *meridional*, separados *geometricamente pelo equador*, há tantos *hemisférios* — *ocidentais* e *orientais*, quantos são os meridianos — e estes são infinitos!

5. Assim, para evitar lapsos dessa natureza, peço vênha para propor a V. Excia. que a *Região Nordeste* do território nacional tenha as suas duas partes denominadas simplesmente pelos têrminos rigorosamente geográficos — *Nornordeste* e *Nordeste*, propriamente dito, assim como na *Região Leste* se denominem as duas partes em que foi dividida, — *Leste*, propriamente dita e *Suleste*.

6. Não desejando alongar-me mais, muito feliz me sentiria, como brasileiro, se esta minha proposta merecesse, ao menos, ser tomada em consideração".

7. Com os protestos de respeito e veneração."

Apesar de haver sido o assunto discutido e aprovado pelo mais alto órgão deliberativo do Conselho Nacional de Geografia, o presidente do I.B.G.E. encaminhou a referida sugestão ao Diretório Central do C.N.G., que, em suas sessões de 18 de Março deste ano, aprovou o relatório apresentado a respeito pelo coronel RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA, representante do Ministério das Relações Exteriores, redigido nos seguintes termos:

"A geografia não admite realmente uma linguagem incorreta, mas, por outro lado, não lhe são aplicáveis, como diz MALTE BRUN, os arranjos, as classificações, os métodos sutis e rigorosos, que só concorreriam para entravar o seu progresso, entulhando-a de noções illusórias.

É na biologia que a classificação se aperfeiçoa e adquire relativa precisão, porque os tipos de que ela se ocupa apresentam diferenças mais nítidas e mais numerosas; mas, mesmo aí, como ensina AUGUSTO COMTE, devemos resignar-nos e nos acostumar a encarar a classificação natural como uma ciência verdadeira, continuamente progressiva e, por conseguinte, mais ou menos imperfeita, como todas as ciências positivas.

Com efeito, se a classificação dos tipos é na biologia relativamente fácil e precisa, o mesmo não acontece quando se tenta agrupá-los. Os naturalistas durante muito tempo, atribuíram, sobretudo no reino vegetal, acepções gerais muito discordantes às denominações de ordem, de família e mesmo de gênero. DARWIN diz que até o presente nenhuma definição do termo espécie satisfaz plenamente a todos os naturalistas, mas que cada um deles sabe *vagamente* o que quer dizer quando fala de uma espécie.

Ora, se assim é na ciência onde a classificação atinge a sua maior perfeição, logo se vê que na geografia, onde os tipos são pouco nítidos, as formas confusas, os terrenos de transição numerosos, as definições e classificações nunca poderão adquirir *rigorismo* científico. Elas são sempre sujeitas a controvérsias e devem ser apreciadas com grande espírito de relatividade, porque, em geral, resultam da comparação e do contraste dos acidentes do terreno. Como faz ver CONTEJEAN, na sua *Geologia*, as expressões planície e montanha têm apenas um valor muito relativo. Depois de uma excursão pelos Alpes o excursionista já se não impressiona com o Jura que ele admirava outrora. O habitante dos Alpes qualifica de colinas relevos que ultrapassam os Vosges e dá o nome de planície às regiões baixas, porém muito acidentadas da bacia suíça. No norte da Alemanha a menor dobra do terreno é denominada montanha.

O mesmo se dá em relação aos rios. Não há definição precisa do que sejam rios principais, nem acôrdo na sua classificação, de modo a diferenciá-los dos ribeirões, córregos, arroios, igarapés, etc.; aqui também influe muito a comparação e o contraste.

Imprecisas, pois, como são as formas do terreno, não é de admirar que os seus grupamentos em regiões naturais se ressintam dos mesmos defeitos e provoquem críticas.

As numerosas e díspares classificações das regiões naturais do Brasil, propostas por eminentes geógrafos, mostram a dificuldade de uma solução rigorosa do problema. Entre estas o C.N.G. adotou, com pequenas modificações, a que já era geralmente aceita, confirmando assim o conceito de que a ciência é o prolongamento do bom senso comum.

O reparo feito pelo comandante MACEDO SOARES quanto à incongruência das expressões *Nordeste-Oriental* e *Nordeste-Occidental* seria perfeitamente razoável, se se tratasse de *rumos* definidos pela bússola ou pela rosa dos ventos. Neste caso o rumo nordeste é só um, em relação à posição ocupada pelo observador, os outros serão nornordeste, estenordeste, leste, etc. Mas no caso em aprêço as denominações são apenas abreviações das expressões: parte ou zona oriental da região nordeste, parte ou zona ocidental da mesma região, pois que, o que chamamos o Nordeste brasileiro é uma região, situada num certo quadrante e não um rumo, e pode por conseguinte ser dividida em duas partes, uma oriental e outra ocidental.

Tôda classificação referida aos pontos cardeais apresenta defeitos e precisa ser encarada com relativismo porque a situação muda, à proporção que o observador se desloca no sentido dos meridianos ou dos paralelos. Não estaria sujeita a tais reparos uma divisão regional que se referisse somente aos caracteres físicos do terreno, como por exemplo, a de ELISÉE RECLUS, mas esta também é passível de outras críticas, como mostra o bem elaborado estudo que sôbre o assunto fez o Sr. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES. CARLO PORRO é de opinião que o critério capital deve apoiar-se na natureza e na gênese do terreno; mas, mesmo quando se adota este critério exclusivo, nem sempre é possível abster-se da referência aos pontos cardeais; haja vista a simples e elegante divisão da Alemanha em quatro regiões, feita por PENCK, a saber: a região prealpina, a bacia sul ocidental, a região montanhosa central e a planície setentrional.

Adotando as denominações Nordeste-Oriental e Nordeste-Occidental, Leste-Setentrional e Leste-Meridional, a Assembléa Geral, em sua Resolução n.º 72 de 14 de Julho de 1941, teve naturalmente em vista chamar a atenção mais fortemente para as analogias fisiográficas comuns às subdivisões, de modo a manter as regiões Leste e Nordeste fisicamente como um todo. A nomenclatura proposta pelo comandante MACEDO SOARES — Nordeste propriamente dito, e Nor-nordeste, Leste propriamente dito e Sueste — embora esteja perfeitamente enquadrada na linguagem geográfica, não realça como a primeira, com o mesmo vigor, a uniformidade e comunhão de fatores físicos que caracterizam aquelas regiões e esta consideração é a que deve predominar na classificação das "regiões naturais" do país.

A colocação da América no hemisfério ocidental, conforme querem os americanos do norte, é perfeitamente justificável, uma vez que atentemos para o fato de ser o meridiano de Greenwich o adotado hoje, por convenção internacional, para origem da contagem das longitudes. Os países asiáticos foram desde tempos remotos denominados de orientais e nos tempos modernos são vulgares as expressões Extremo Oriente, Oriente Médio e Oriente Próximo.

Diz ELISÉE RECLUS: "O contraste entre o Oriente e o Ocidente é da mais alta importância para cada grupo de continentes, porque o cortejo dos fenômenos climáticos que acompanham o Sol no seu curso aparente em torno da Terra não segue de maneira uniforme as latitudes, paralelamente ao Equador. Em virtude da desigual repartição das terras e dos mares, as correntes, os ventos e os próprios climas se deslocam, ora para o norte, ora para o sul, produzindo uma das oposições mais nítidas entre a parte ocidental de um continente e a parte oriental do continente que lhe é oposto. Mesmo entre a Ásia e a Europa, que se acham reunidas em sua maior extensão, o contraste é por tal forma visível que chamou a atenção dos nossos antepassados e deu lugar às denominações de Levante e Poente, de Ocidente e Oriente, o que indica não somente a situação, mas sobretudo as diferenças dos climas, das regiões e dos povos.

Pelas razões acima expostas, embora as modificações propostas pelo comandante MACEDO SOARES, não se enquadrem no grupo das inaceitáveis, sou de opinião que se mantenha a divisão regional adotada, tal como foi aprovada pela Assembléa Geral na sua Resolução n.º 72, e que se agradeça ao comandante MACEDO SOARES a sua cooperação, que teve vantagem de nos fazer pensar e raciocinar sôbre a discutida questão."

Traduzindo o sentir unânime do C.N.G. o eng. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO dirigiu um circunstanciado officio ao comandante GERSON DE MACEDO SOARES, depois de comunicar a deliberação do Diretório Central do C.N.G., no qual ressaltou o valor científico e geográfico da sugestão e o espirito de colaboração do seu autor.